

# **ASSEMBLEIAS ESCOLARES:**

**Uma estratégia para mediação de  
conflitos em sala de aula**

**1º encontro (01/06/2017)**



# Proposta da sequência formativa

<b>1º</b> <b>encontro:</b> <b>01/06/2017</b>	<b>2º</b> <b>encontro:</b> <b>08/06/2017</b>	<b>3º</b> <b>encontro:</b> <b>22/06/2017</b>	<b>4º</b> <b>encontro:</b> <b>22/06/2017</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Introdução ao tema.</li><li>- Levantamento dos conhecimentos prévios.</li><li>- Conceitos básicos.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Continuação da formação.</li></ul> <p>(Documentário)</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Apresentação de uma experiência vivenciada em outra Unidade Escolar.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Abordagem prática da formação (vivência).</li></ul>

# O QUE SABEMOS SOBRE...

Roda de conversa para levantamento dos conhecimentos prévios:

- Autonomia e heteronomia
- Construção da autonomia moral
- Conceito de conflito
- O papel da escola mediante os conflitos

# ATIVIDADE

Leitura de um dos fragmentos sobre os temas propostos em grupos e apresentação do mesmo para equipe, a partir de cartazes, recortes em revistas, esquemas, desenhos, dentre outras possibilidades.

# AUTONOMIA E HETERONOMIA (PIAGET)

Piaget (1994a, 1996) mostra-nos que o desenvolvimento moral atravessa duas fases: a heteronomia (ou moral da coação) e a autonomia (ou moral da cooperação). Na fase heterônoma, a pessoa estabelece com as figuras de autoridade uma relação assimétrica que gera uma obediência baseada no respeito unilateral. Já na fase autônoma, alguns aspectos importantes são desenvolvidos: a busca por estabelecer relações simétricas, o respeito mútuo, a cooperação, as noções de reciprocidade, de igualdade e de equidade, bem como a capacidade de descentralização. Segundo tal teoria, a autonomia é a superação possível da heteronomia, e o interesse de Piaget (1994a) foi identificar de que modo esse processo acontece. Porém, como o desenvolvimento moral não está vinculado à idade cronológica, podemos considerar que, nos adultos, a heteronomia convive com a autonomia se as formas de eles se relacionarem com os outros tiverem características heterônomas.

MÜLLER; Adriana e MOULIN, Heloisa. Educação moral: o aprender e o ensinar sobre justiça na escola. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 453-468, abr./jun. 2012.

# PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA MORAL

“...Piaget mostra que a criança nasce na anomia, isto é, há uma ausência total de regras. O bebê não sabe o que deve ou não ser feito, muito menos as regras da sociedade em que vive. Mais tarde, a criança começa a perceber a si mesma e aos outros, percebe também que há coisas que podem ou não ser feitas, ingressando no mundo da moral, das regras, tornando-se heterônoma, submetendo-se àquelas pessoas que detêm o poder. Na heteronomia, a criança já sabe que há coisas certas e erradas, mas são os adultos que as definem, isto é, as regras emanam dos mais velhos. Ela é naturalmente governada pelos outros e considera que o certo é obedecer às ordens das pessoas que são autoridade (os pais, professor ou outro adulto qualquer que respeite). A criança pequena ainda não compreende o sentido das regras, mas as obedece porque respeita a fonte delas (os pais e as pessoas significativas para ela). Além do amor que a leva a querer obedecer às ordens, a criança teme a própria autoridade em si, teme ainda a perda do afeto, da proteção, da confiança das pessoas que a amam. Há também o medo do castigo, da censura e de perder o cuidado. Nessa fase o controle é essencialmente externo. Há, portanto, uma aceitação de regras que são exteriores ao sujeito. O desenvolvimento moral foi bem sucedido quando, com o tempo, esse controle vai se tornando interno, isto é, um autocontrole, uma obediência às normas que não depende mais do olhar dos adultos ou de outras pessoas. É a moral autônoma.”

VINHA, Telma. CONSTRUINDO A AUTONOMIA MORAL NA ESCOLA: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. In: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009.

# CONCEITO DE CONFLITO

“Conflito: situação permanente de oposição, desacordo ou luta entre pessoas ou coisas. Situação em que não se pode fazer o que é necessário fazer. Momento de impasse, choque, colisão, questionamento, desacordo, diferença, discrepância, discussão, desgosto, encontro, disputa...

(...)

Por motivos que podemos atribuir a influência da tradição judaico-cristã no pensamento ocidental, que dicotomiza nossa maneira de compreender as relações humanas, tendemos a atribuir um caráter negativo aos conflitos cotidianos, vistos como incompatíveis com amor, o afeto, a harmonia que deveriam reinar nas relações humanas. Por isso são reprimidos, subestimados, criticados, ignorados e, em geral, condenados. No entanto o conflito é parte natural da vida e isso já seria suficiente para considerá-lo um importante tema de estudo. De fato, todas as teorias interacionistas em filosofia, psicologia e educação estão alicerçadas no pressuposto de que nos constituímos e somos constituídos pela relação direta ou mediada com o outro, seja ela de natureza subjetiva ou objetiva. Nessa relação, deparamos com as diferenças e as semelhanças que nos obrigam a comparar, descobrir, ressignificar, compreender, agir, buscar alternativas e refletir sobre nós mesmos e sobre os demais. O conflito torna-se, assim, matéria-prima para nossa constituição psíquica, cognitiva, afetiva, ideológica e social”.

ARAÚJO, Ulisses F. Autogestão na sala de aula: as assembleias escolares. São Paulo: Summus, 2015.

# O PAPEL DA ESCOLA

“Nossa formação nos tornou mais hábeis para lidar com o mundo físico do que com o social, aprendemos mais coisas do mundo exterior que de nossa própria intimidade, conhecemos mais os objetos que as pessoas do nosso convívio. A escola que conhecemos tem seu grau de responsabilidade nesse processo de formação que ignora a importância das relações interpessoais e dos conflitos para formação integral dos seres humanos. Um currículo com base apenas no mundo externo e com limitações espaço-temporais que prejudicam o trabalho com as relações humanas faz que os sistemas educativos não cumpram com o importante papel que lhes é atribuído pela sociedade: o da formação de cidadãos que tenham as competências necessárias para lidar de modo ético com seus conflitos pessoais e sociais”.

ARAÚJO, Ulisses F. Autogestão na sala de aula: as assembleias escolares. São Paulo: Summus, 2015.

# **ASSEMBLEIAS ESCOLARES:**

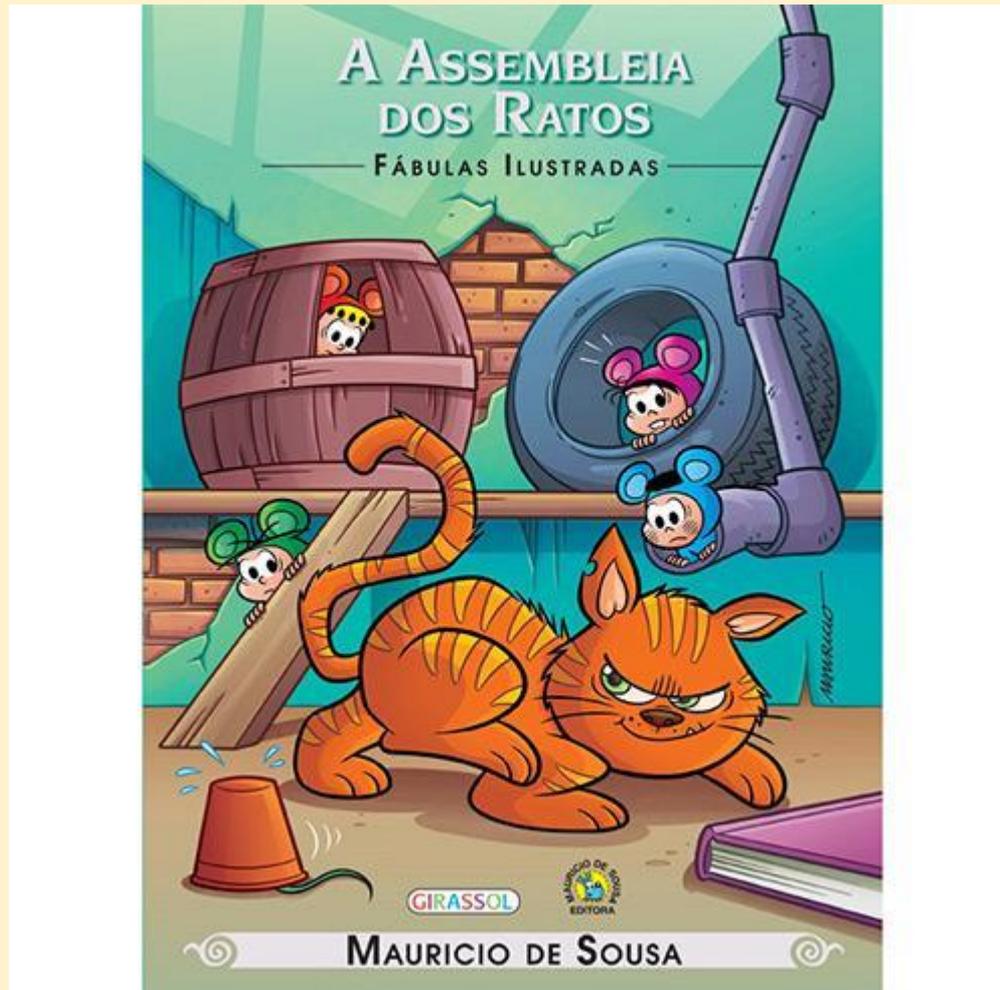
**Uma estratégia para mediação de  
conflitos em sala de aula**

**2º encontro (08/06/2017)**



# LEITURA DELEITE:

Uma estratégia para introduzir as assembleias em sala de aula...



# UMA PROPOSTA CONCRETA PARA A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS: ASSEMBLEIAS ESCOLARES



# **ASSEMBLEIAS ESCOLARES:**

**Uma estratégia para mediação de  
conflitos em sala de aula**

**3º encontro (22/06/2017)**



# SOCIALIZANDO UMA PRÁTICA DA CP MURIELE NA REDE...

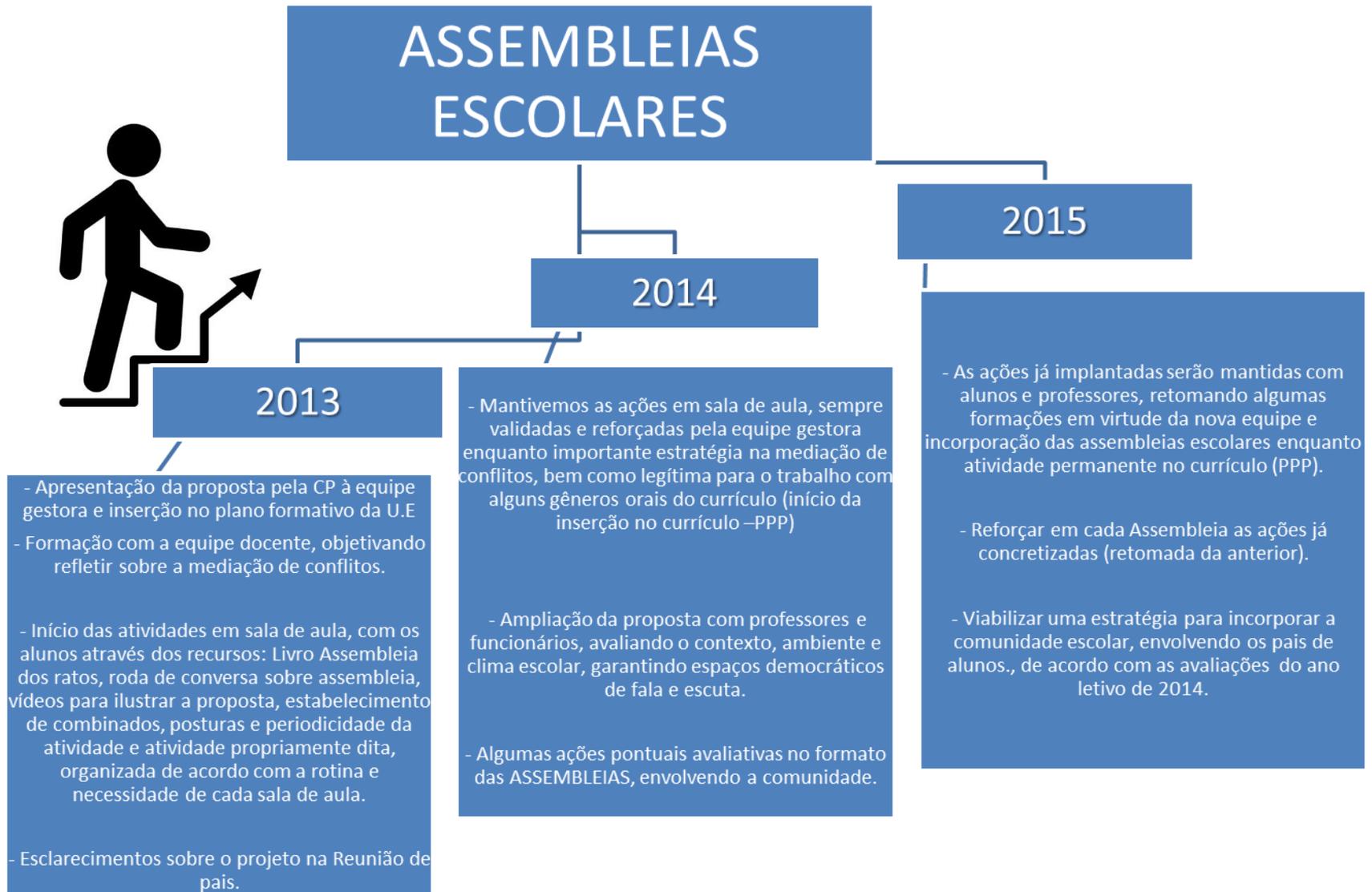
## Assembleias escolares

ONDE?	EMEB Dr. José Ferraz de Magalhães Castro
QUANDO?	De 2013 a 2015.
POR QUE?	Proposta de mediação de conflitos na perspectiva da gestão democrática.
POR QUEM?	Todo coletivo escolar: alunos, professores, funcionários e equipe gestora.

# POR QUE INSERIR ESTE TRABALHO EM NOSSA ESCOLA?

- Mediação de conflitos (percebíamos a dificuldade de modo geral na mediação de conflitos em sala de aula).
- Proposta ao encontro da concepção de gestão democrática (concepção e ação).
- Dar voz e vez aos alunos.
- Dar voz e vez à equipe escolar.
- Dar voz e vez à comunidade escolar.

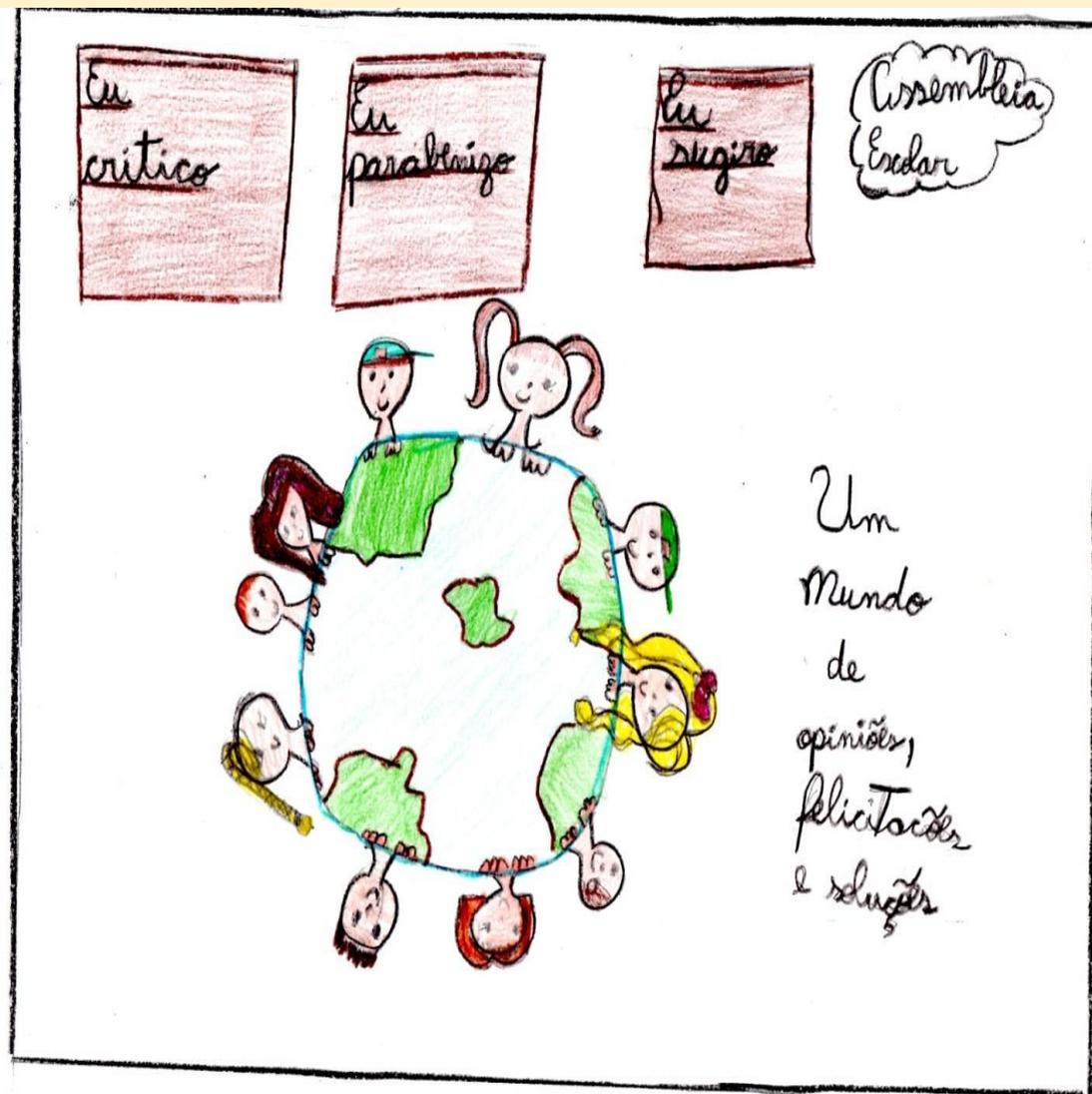
# DE DEGRAU EM DEGRAU, O NOSSO PERCURSO:



# JUSTIFICATIVA DO PROJETO INSERIDO NO PPP:

Sabemos que o termo “Gestão democrática” é bastante comum e empregado nas escolas, porém, para que se efetive na prática, precisa de ações concretas que viabilizem uma relação justa e de diálogo entre alunos e funcionários. Nesse sentido, o projeto Assembleias Escolares tem por objetivo proporcionar diferentes tempos e espaços de diálogo entre os indivíduos, buscando harmonizar as ações e relações da escola, tratar de assuntos diversos, mediar conflitos e efetivar combinados aceitáveis, acordados e possíveis para todos.

As assembleias têm por regra não evidenciar as pessoas, mas sim discutir ações, ou seja, tratar de maneira ética e com objetividade assuntos do interesse de todo coletivo, buscando acolher os problemas relatados, discutir formas viáveis de resolução e parabenizar as ações assertivas adotadas, no sentido também de valorizar o grupo de alunos e de funcionários; promovendo por fim, um clima escolar favorável ao processo de ensino-aprendizagem, que permita reconhecer e valorizar o papel de cada indivíduo no espaço escolar, corresponsabilizando-os nos propósitos comuns e motivando-os sempre. (PPP – 2014)



“Desenho: Assembleia Escolar” realizado por uma aluna do 2º ano A-Ciclo II.

# COMO FUNCIONA?

- Reuniões periódicas para reflexão a partir dos apontamentos livres dos envolvidos. Indicação semanal nas salas de aula com os alunos.
- As reuniões têm o objetivo de pensar nas ações, discutindo-as e propondo soluções, que são pensadas nesse coletivo. O professor/ equipe gestora atuam apenas como mediadores do processo, não assumindo o “poder de decisão”.



# REGISTROS DE UMA TURMA DE 1º ANO DO CICLO INICIAL

EU SUGIRO...

MELHORA O GASTO DO PAPEL



EU CRITICO...

EU CRITICO A TURMA NÃO GASTAR MUITO  
PAPEL PARA ENCHUGAR AS MÃOS



EU PARABENIZO...

LICÃO DE CASA



# ALGUNS DEPOIMENTOS - ALUNOS:

## CICLO INICIAL:

Aluna do 3º ano C do Ciclo Inicial (2014)

No 3º ano do ciclo Inicial a gente fazia Assembleia Escolar de quinze em quinze dias. Teve uma vez que escrevi sobre um aluno que fazia bagunça, mas citando suas atitudes e não seu nome. Fizemos a leitura do meu papel e, depois de discutirmos que isso atrapalha a aula, o meu colega melhorou seu comportamento, parou de dançar na aula.

Eu gosto do “Eu parablenizo” porque aparecem as coisas legais que a gente faz e eu fico orgulhosa.

## CICLO II:

Aluno do 2º ano B do ciclo II.

Fazemos uma roda para conversar sobre o que colocamos no envelope dos cartazes do “EU SUGIRO”/ “EU PARABENIZO”/ “EU CRITICO”. Conversamos no “Eu critico” que é para parar de chutar os outros, xingar e bater, sem falar o nome das pessoas. Às vezes dá certo, mas quando não dá, colocamos o papel de novo no envelope para conversar novamente na próxima assembleia. Eu gosto bastante de participar”.

# ALGUNS DEPOIMENTOS...

## FUNCIONÁRIOS E COMUNIDADE:

NOME:	DEPOIMENTOS:
Professora da escola	“A assembleia escolar é um jeito democrático de resolver os conflitos que surgem em sala de aula e em outros espaços da escola. Além disso há um importante trabalho de oralidade envolvido e escrita autônoma dos alunos”.
Funcionária da escola	“As assembleias escolares são importantes porque nos fazem refletir sobre como “anda” nosso trabalho profissional e como podemos melhorar em nossas atitudes, valorizando a democracia, através do diálogo, tornando crianças e adultos participativos, com senso crítico e ético”.
Mãe de aluno	“ Ao meu ver é bom porque não cita nomes e leva a criança a refletir sobre o certo e o errado, o que é coerente quando eles começam a crescer e já conseguem entender isso. Além disso, o adulto sempre falando nem sempre surte efeito, porém quando a criança ouve um colega da mesma idade falando, pode ser mais interessante. Acho que meu filho terminou o ano letivo de 2014 muito bem, diferente, e, além do trabalho da professora, atribuo isso às assembleias escolares, pois sempre que levei queixas à professora, a mesma se prontificou a considerar isso nas assembleias, com a participação do meu filho”.

# AValiação DA EQUIPE GESTORA:

- Diminuição considerável na mediação de conflitos pela equipe gestora relacionados ao ambiente da sala de aula, demonstrando a eficiência da proposta para construção de autonomia e relação saudável de interdependência nos “pequenos coletivos/turmas”, além da validação da figura de liderança do professor.
- Ampliação das possibilidades, tempos e espaços de escuta da equipe escolar.
- Efetivação concreta de uma proposta referente à diretriz “Gestão democrática”.
- Crescimento de todos os envolvidos na proposta. Ao longo do percurso demonstravam maior intimidade com os procedimentos das Assembleias, mais respeito com os envolvidos e compromisso efetivo nas resoluções de conflitos e problemas discutidos.
- Ao longo do processo as assembleias ficaram literalmente mais “leves” e “prazerosas”.

# AGORA É COM VOCÊS...

## A EQUIPE JOSÉ AVILEZ TOPA A EXPERIÊNCIA?

Proposta:

Vivência da equipe no próximo  
HTPC (29/06 - 4º encontro da  
sequência formativa) e início  
em sala de aula.



# ALGUNS COMBINADOS...

- Utilizar-se de ética e profissionalismo para o exercício prático desta proposta.
- Valorizar o estímulo positivo, ou seja, indicar também ações assertivas da nossa escola.
- Não utilizar-se deste momento para expor colegas de trabalho (professores, equipe gestora e outros funcionários, ainda que não estejam presentes no HTPC). Lembremos: A ideia é refletir sobre as ações. Não mudamos pessoas, transformamos ações!
- Apresentar sugestões viáveis à cada crítica levantada.
- Abordar questões referentes ao nosso contexto escolar (evitar situações que fogem ao nosso alcance. Por exemplo - questões direcionadas à SE (não é o fórum).
- Depositar nas urnas que estarão na sala dos professores os papéis “Eu Parabenizo, Eu Critico e Eu Sugiro” até 28/06.
- Outros? (Sugestões da equipe).

# REFERÊNCIAS: APORTE TEÓRICO E INDICAÇÕES PARA ESTUDO

## **MATERIAIS E REFERENCIAIS DO MEC:**

Programa Ética e Cidadania : construindo valores na escola e na sociedade : protagonismo juvenil / organização FAFE Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP) , equipe de elaboração Ulisses F. Araújo... [et al.]. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2007.

O ECA nas Escolas: Perspectivas Interdisciplinares / Luciana Calissi, Rosa Maria Godoy Silveira (Organizadoras).- João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013.

Disponíveis online:

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016937.pdf>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015520.pdf>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015523.pdf>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015516.pdf>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015513.pdf>

**DOCUMENTÁRIO: “Assembleias escolares”, direção Roberto Machado, 2005.**

**Disponível em:** <http://www.dominiopublico.gov.br/download/video/me003832.mp4>

## **LIVROS:**

ARAUJO, Ulisses F. *Assembléia escolar: um caminho para a resolução de conflitos*. São Paulo: Moderna, 2004.

ARAUJO, Ulisses F. *Autogestão na sala de aula: As assembleias escolares*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

SOUSA, Mauricio de. *A Assembleia dos ratos*. São Paulo: Editora Girassol, 2014.

## **ARTIGOS:**

VINHA, Telma. CONSTRUINDO A AUTONOMIA MORAL NA ESCOLA: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. In: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009.

MÜLLER; Adriana e MOULIN, Heloisa. Educação moral: o aprender e o ensinar sobre justiça na escola. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 453-468, abr./jun. 2012.

## **LINKS (REPORTAGENS A RESPEITO):**

<http://gestaoescolar.abril.com.br/comunidade/projeto-institucional-assembleias-escolares-726076.shtml>

<http://gestaoescolar.abril.com.br/politicas-publicas/palavra-criancas-conselho-mirim-participacao-gestao-democratica-805459.shtml?page=1>

